



Memórias precoces de calor e segurança com os pares e os traços
borderline em adolescentes: o papel mediador da autoaversão

ANA RAQUEL NAVE ROCHETEAU

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Marina Cunha, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, 2020

Agradecimentos

À Professora Doutora Marina Cunha pela orientação de excelência e disponibilidade incansável. Obrigado pelas oportunidades de aprendizagem e reflexão que tornaram esta etapa tão enriquecedora e gratificante.

Ao Diogo por colaborar nesta investigação, com a entrega e a perspicácia excepcionais que inspiraram a minha trajetória pessoal e profissional.

A todos os que participaram neste estudo, um profundo obrigado pela colaboração, sem a qual não seria possível.

Quero agradecer ao Gustavo e à Fabiana pelo apoio e amizade e por me lembrarem daquilo que me faz mais feliz, sem medir esforço nem distância.

Aos meus pais e ao meu irmão por serem a minha casa, acreditarem em mim e abraçarem este sonho que é nosso. Obrigado por todo o amor e compreensão.

Aos meus avós pela doce dedicação e por um amor que é eterno. Obrigado por me guiarem todos os dias, com a coragem e determinação para ser o melhor de mim.

Resumo

Introdução: A adolescência é um estágio desenvolvimental marcado por desafios normativos que envolvem a criação de representações sobre o *eu* e os outros, a definição de um sentido de identidade, a adaptação de estratégias de regulação emocional e dos comportamentos nos contextos sociais, em particular no grupo de pares. Contudo, estas tarefas desenvolvimentais podem gerar dificuldades que suscetibilizam o adolescente a traços desadaptativos e ao aparecimento de psicopatologia.

Objetivo: A presente investigação pretende analisar o papel da autoaversão na relação entre as memórias precoces de calor e segurança com os pares e os traços de personalidade *borderline* nos adolescentes.

Método: Este estudo tem um desenho transversal e envolve uma amostra constituída por 451 adolescentes da população geral (260 raparigas e 185 rapazes), com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos. Os participantes preencheram um questionário sociodemográfico, a Escala de Traços de Personalidade *Borderline* para Adolescentes (ETPB-A), a Escala Multidimensional da Autoaversão para Adolescentes (EMA-A) e a Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança com os pares para Adolescentes, em versão reduzida (EMPCS_{Pares}-A).

Resultados: Quando comparadas com os rapazes, as raparigas apresentaram valores mais elevados de autoaversão e de traços *borderline*, e níveis semelhantes nas memórias precoces de calor e segurança com os pares. O modelo de mediação foi significativo e explicou 54% da variância dos traços *borderline*. As memórias emocionais precoces com os pares e as dimensões da autoaversão revelaram um contributo significativo, com a exceção da exclusão (faceta específica da escala de autoaversão) e da variável sexo que não apresentaram um poder preditivo nos traços *borderline*.

Conclusão: Os dados desta investigação sugerem que as memórias emocionais positivas com os pares podem ter um efeito relevante nas características *borderline*, mesmo na presença de dimensões específicas da autoaversão, como a ativação fisiológica, cognições, emoções e evitamento. Uma melhor compreensão dos mecanismos psicológicos envolvidos no desenvolvimento dos traços *borderline* pode contribuir para a investigação e prática clínica em adolescentes.

Palavras-chave: adolescência, traços *borderline*, memórias precoces de calor e segurança com os pares, autoaversão

Abstract

Introduction: Adolescence is a development stage that stands out by normative challenges that comprise the creation of representations about the self and the others, the definition of a sense of identity, and adaptation of emotional regulatory strategies and behaviors in social contexts, particularly within the group of peers. However, these tasks can generate difficulties that make the adolescent very exposed to disadaptive traits and the appearance of psychopathologies.

Objectives: This research aims to analyze the role of self-disgust in the relationship between early memories of warmth and safeness with peers and borderline personality features in adolescents.

Method: The research has a cross-sectional design is applied to a sample of 451 adolescents from the general population (260 girls and 185 boys) and aged between 13 and 18 years. Participants filled a questionnaire which included besides sociodemographic variables, the Borderline Personality Features Scale for Children (BPFS-C), the Multidimensional Self-Disgust Scale for Adolescents (MSDS-A), and the Early Memories of Warmth and Safeness Scale, in reduced version (EMWSS_{Peers}-A).

Results: The outputs show that girls have higher values of self-disgust and borderline features than boys, as well as similar levels in early memories of warmth and safeness with peers. The mediation model is significant and explains 54% of the variance of the borderline traits. Moreover, exception made to exclusion (a specific dimension of the self-disgust scale) and gender, which do not have a predictive power in borderline features, the early emotional memories with peers and dimensions of self-disgust also make a significant contribution to the explanation.

Conclusion: In conclusion, the data of this research suggest that positive emotional memories with peers may have a relevant effect on borderline characteristics and on the presence of specific dimensions of self-disgust, such as physiological activation, cognitions, emotions and avoidance. This means that a better understanding of the psychological mechanisms involved in the development of borderline traits can contribute to clinical practices and research on adolescence.

Keywords: adolescence, borderline features, early memories of warmth and safeness with peers, self-disgust

Introdução

A adolescência é caracterizada por um processo de coordenação das mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, que pode gerar dificuldades e ter implicações importantes para o funcionamento na idade adulta (Steinberg, 2005), nomeadamente, conduzir a quadros psicopatológicos (Guilé et al., 2018). Da mesma forma, certos autores descrevem que a Perturbação *Borderline* da Personalidade (PBP) emerge de múltiplos fatores de risco complexos e interativos (Steele & Siever, 2010), nomeadamente de mecanismos biológicos e de fatores de vulnerabilidade genéticos e ambientais (Stepp et al., 2014) com origem em experiências adversas (Bourvis et al., 2017; Sharp & Fonagy, 2015). A PBP é definida por um padrão global de instabilidade no relacionamento interpessoal, na autoimagem e nos afetos, bem como impulsividade marcada no início da idade adulta e está presente numa variedade de contextos. Geralmente, a PBP envolve comportamentos auto lesivos, ideação suicida e a impulsividade marcada por gastos, compras compulsivas, abuso de substâncias, ingestão alimentar compulsiva e condução imprudente (*American Psychiatric Association* [APA], 2013).

Tendo em conta que a Perturbação *Borderline* da Personalidade pode ser explicada por uma trajetória desenvolvimental disfuncional em faixas etárias mais jovens (Paris, 2009), a investigação tem priorizado o estudo de traços disfuncionais e inflexíveis em adolescentes, que podem provocar défice funcional significativo ou mal-estar subjetivo e conduzir ao diagnóstico, com maior probabilidade de ideação suicida na idade adulta (APA, 2013; Brezo et al., 2005; Chanen & Kaess, 2012; Kaess et al., 2014; Sharp & Fonagy, 2015). Os traços de personalidade são definidos como padrões estáveis de compreensão, relação e de pensamento acerca do meio envolvente e de si próprio, que se exprimem num conjunto de contextos de natureza social e pessoal (APA, 2013).

No estudo de adolescentes com traços de personalidade *borderline*, as diferenças de género podem afetar o desenvolvimento dos sintomas, pois o comportamento agressivo aparece mais cedo nos rapazes (Crick & Zahn-Waxler, 2003). Da mesma forma, Crawford e colaboradores (2001) reportaram que a externalização nos homens contribuía para um quadro psicopatológico contínuo, enquanto a combinação de sintomas de externalização e internalização em mulheres era mais preditiva da perturbação.

Enquanto condição nosológica, o diagnóstico de Perturbação da Personalidade, atualmente, pode ser aplicado a crianças ou adolescentes quando os traços de personalidade desadaptativos de um indivíduo parecem ser pervasivos, persistentes e dificilmente limitados a um estágio particular de desenvolvimento ou a outra perturbação

mental. Importa reconhecer que os traços de perturbação da personalidade que surgem na infância não devem persistir inalteráveis até à idade adulta. Para o diagnóstico ser feito num indivíduo com menos de 18 anos, as características deverão estar presentes, pelo menos, no último ano. (APA, 2013).

Nas crianças e adolescentes, os défices no funcionamento social e académico são descritos como resultado de um conjunto de sintomas de desregulação emocional, instabilidade na autoimagem e nas relações interpessoais e impulsividade, que dificultam a identificação do quadro clínico e conduzem ao diagnóstico de PPB na idade adulta (Bleiberg et al., 2011). Além desta limitação, a variedade e a complexidade dos sintomas associados à PBP inspiraram inúmeras hipóteses etiológicas e de desenvolvimento, incluindo a privação de socialização precoce, exposição constante a ambientes caóticos e traumáticos, padrões de interação familiar desviantes e comprometimento neuropsicológico e bioquímico (Leichsenring et al., 2011). Em alguns casos remite na meia-idade, por volta dos 40 anos (Zanarini et al., 2012), e podem persistir os problemas psicossociais residuais. Assim, é essencial reconhecer a patologia e diagnosticá-la o mais cedo possível para agir numa ótica preventiva (Chanen & Kaess, 2012).

A investigação deve ter em conta que os adolescentes enfrentam mudanças corporais relevantes, aumento na intensidade dos impulsos afetivos e emocionais, reorganização do *eu* no contexto das normas e interações dirigidas pelos pares, pressão para a autonomia e a assunção de novos papéis (Sharp et al., 2014). A adolescência implica o estabelecimento de um sentido de identidade no contexto relacional com os outros (por exemplo, colegas) e aprender a lidar com o *stress* e as emoções (Collins & Steinberg, 2007). As interações sociais assumem particular importância, com uma dependência decrescente dos pais e aumento da proximidade com os pares (Lerner & Steinberg, 2009) como fonte particularmente relevante de apoio social, confiança e aprovação (Gilbert & Irons, 2008; Spear, 2007; Tucker & Moller, 2007).

Segundo Gilbert e Perris (2000), as experiências da primeira infância, especialmente quando são marcadas por sentimentos de ameaça ou segurança, desempenham um papel fundamental na qualidade do ajustamento aos diversos desafios e tarefas desenvolvimentais. As experiências positivas precoces aparecem associadas à regulação emocional positiva, ao desenvolvimento da resiliência, ao bem-estar e à saúde mental (Cunha et al., 2013; Cunha et al., 2017; Matos et al., 2015; Richter et al., 2009). Inversamente, as experiências precoces adversas na família e nos relacionamentos com os colegas, que envolvem ameaças, sentimentos de vergonha e de intimidação, podem

desencadear vivências de derrota e estados emocionais negativos com comportamentos defensivos (Cunha et al., 2014; Gilbert et al., 2003; Pinto-Gouveia et al., 2016;). Adicionalmente, podem ter efeitos negativos sobre a vivência do *eu* e da sua relação com os outros, gerando sentimentos de inferioridade e relações de hostilidade (Cunha et al., 2012). Estas experiências adversas podem atuar como memórias emocionais condicionadas (Gilbert & Irons, 2008) e afetar a autoidentidade, esquema relacional e a regulação emocional (Pinto-Gouveia & Matos, 2011). Existem estudos em que os sujeitos que apresentam menor acessibilidade a memórias emocionais positivas, manifestam uma tendência para serem mais autocríticos perante os estados afetivos negativos resultantes de situações percebidas como difíceis ou de fracasso, e menos capazes de regular essas emoções através de estratégias de autotranquilização (Baldwin & Dandeneau, 2005; Gilbert et al., 2004;). Assim, as experiências de segurança e tranquilidade que incluem sinais afiliativos com efeito tranquilizador, de cuidado e afeição, parecem ser essenciais para regular os estados afetivos (Richter et al., 2009). Em contraste, as experiências precoces de abuso, rejeição, negligência, críticas e *bullying* têm sido associadas a uma maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de psicopatologia e de problemas de funcionamento na vida adulta (Irons et al., 2006).

Alguns estudos encontraram uma relação significativa e positiva entre os traços *borderline* (Carreiras et al., 2020a) e a autoaversão (Guiomar, 2015). A autoaversão é considerada uma emoção básica e irracional, desprovida de flexibilidade cognitiva, comportamental e situacional, com consequências morais negativas (Russell & Giner-Sorolla, 2013). Concretamente, a autoaversão é definida por um fenómeno psicológico disfuncional marcado por um padrão estável de respostas cognitivo-afetivas baseado em aversão e repugnância. Pode ser entendida como uma generalização ou internalização autofocada, desadaptativa e persistente (Powell et al., 2015), em que o objeto aversivo são as características integrais e estáveis de si (Olatunji et al., 2012; Powell et al., 2015), baseada na forma como os outros se relacionam conosco (Baldwin, 1992, 1997). Quando é ativada, envolve um conjunto de sensações físicas (por exemplo, taquicardia, náusea, vômito), uma expressão facial específica, reações comportamentais (por exemplo, fuga, congelamento) e várias cognições negativas distintas sobre o *self*, nomeadamente pensamentos de repugnância, crítica e desprezo (Carreiras, 2014; Overton et al., 2008; Roozin et al., 1999).

A experiência de autoaversão está associada a múltiplas questões do desenvolvimento interpessoal que podem gerar dificuldades e vulnerabilizar o

adolescente (Baldwin, 1992, 1997; Wolfe & Mash, 2006). Envolve uma desvalorização da aparência física, instabilidade da personalidade e alteração do padrão de comportamento, e pode criar distorções que perpetuam ciclos viciosos de padrões globais de pensamento disfuncional (Ypsilanti et al., 2019), em que as ruminações e pensamentos negativos precedem as experiências de autoaversão (Guilherme et al., 2020). Da mesma forma, Guiomar (2015) descreve que a sintomatologia *borderline* está associada à autoaversão, em que a instabilidade e a desregulação emocional, relacional, de identidade e comportamental resulta numa relação com o *eu* marcada por pensamentos e sentimentos de ódio, desprezo, raiva e repugnância. Dado que um nível elevado de repulsa é um fator de risco para o aparecimento e manutenção de várias perturbações mentais e sintomas associados, a literatura defende que é extremamente importante estudar esta emoção na adolescência (Guilherme et al., 2020)

Em síntese, uma vez que a adolescência é um período caracterizado por mudanças desenvolvimentais complexas, que podem gerar dificuldades e conduzir à psicopatologia, o presente trabalho pretendeu explorar aspetos emocionais que podem influenciar o desenvolvimento dos traços de personalidade *borderline*, nomeadamente as memórias precoces de calor e segurança com os pares. Um segundo objetivo foi o de investigar o eventual papel mediador da autoaversão na relação entre estas memórias precoces e os traços *borderline*.

Materiais e Métodos

Participantes

A amostra deste estudo foi de conveniência e constituída por 451 adolescentes, 59% do sexo feminino ($n = 266$) e 41% do sexo masculino ($n = 185$), com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos ($M = 15,55$; $DP = 1,49$). Os participantes eram do 8º, 9º, 10º, 11º ou 12º ($M = 10,25$; $DP = 1,44$), e frequentavam escolas públicas da região centro do país. Na análise das diferenças entre os sexos nas variáveis sociodemográficas, nomeadamente ao nível da idade e dos anos de escolaridade, não foram encontradas diferenças significativas, comprovando a homogeneidade da amostra.

Instrumentos

Escala de Traços de Personalidade *Borderline* para Adolescentes – ETPB-A (*Borderline Personality Features Scale for Children - BPFS-C*; Sharp et al., 2014; versão portuguesa para adolescentes de Carreiras et al., 2020b). Este instrumento de autorrelato é unidimensional e constituído por 10 itens que avaliam traços *borderline* de adolescentes, com questões focadas na forma como o sujeito se sente em relação a si próprio e aos outros (e.g., “Sinto que há algo importante que falta em mim, mas não sei o que é.”, “Sinto que as pessoas que me foram próximas desapontaram-me”). Os itens são classificados segundo uma escala Likert de 5 pontos (1 = *Nunca verdadeiro*; 5 = *Sempre verdadeiro*). Quanto maior o valor do somatório dos itens, maiores os níveis de traços *borderline*. Na versão original, a ETPB-A apresentou boa consistência interna (α de Cronbach = 0,85, Sharp et al., 2014), bem como na versão portuguesa (α = 0,77; Carreiras et al., 2020b). No presente estudo, o coeficiente alfa de Cronbach foi de 0,87.

Escala Multidimensional da Autoaversão para Adolescentes - EMA-A (*Multidimensional Self-Disgust Scale for Adolescents - MSDS-A*; Carreiras, 2014; versão para adolescentes de Guilherme et al., 2020). O questionário de autorrelato permite avaliar a autoaversão, ou seja, a emoção de aversão/nojo direccionada para aspetos internos e externos do *eu*. O instrumento é composto por 32 itens organizados em quatro fatores: ativação defensiva (componente fisiológico da emoção), cognitivo-emocional (pensamentos e emoções que refletem a relação de aversão, hostilidade e repulsa a si mesmo), evitamento (ações e comportamentos que visam ocultar e evitar aspetos do *eu* considerados nojentos e tóxicos) e exclusão (comportamentos que visam excluir e eliminar os aspetos repugnantes e aversivos do *eu*). As subescalas incluem questões como “Quando sinto aversão em relação a mim, a minha respiração fica acelerada.”, “Quando sinto aversão em relação a mim, sinto-me diminuído/ a, inferior e pequeno/a.”, “Quando sinto aversão em relação a mim, desvio o olhar do meu corpo” e “Quando sinto aversão em relação a mim, tenho certos comportamentos para me magoar ou eliminar determinadas partes de mim (cortar, queimar, morder, arranhar, bater).”, respetivamente. “Os itens são classificados segundo uma escala Likert de 5 pontos (0 = *Nunca*; 4 = *Sempre*), em que as pontuações elevadas indicam níveis mais altos de aversão. A versão original mostrou boa consistência interna e boa validade convergente e incremental (Carreiras, 2014). Na versão para adolescentes, a escala total também mostrou boa consistência interna (α = 0,97) e os quatro fatores apresentaram alfas de Cronbach entre

0,75 e 0,94 (Guilherme et al., 2020). No presente estudo, a escala total apresenta um alfa Cronbach excelente ($\alpha = 0,97$), tal como as subdimensões da ativação Defensiva ($\alpha = 0,94$), cognitivo-emocional ($\alpha = 0,95$), evitamento ($\alpha = 0,72$) e da exclusão ($\alpha = 0,79$).

Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança com os pares para Adolescentes, versão reduzida – EMPCS_{Pares}-A (*Early Memories of Warmth and Safeness Scale* - EMWSS_{Peers}-A; Cunha et al., 2017). O instrumento de autorrelato permite avaliar as memórias emocionais positivas de calor, cuidado e segurança no contexto das relações com o grupo de pares/amigos, que ocorreram desde a infância até a adolescência (e.g., “Sentia-me seguro/a e protegido/a com o meu grupo de amigos.”, “Conseguia facilmente ser amparado/confortado/a pelos meus amigos quando estava triste.”). A escala é unidimensional e a versão reduzida é composta por 12 itens, classificada segundo uma escala Likert de 5 pontos (0 = *Não, nunca*; 4 = *Sim, na maioria das vezes*) (Cunha et al., 2017). Na versão original para adolescentes, a escala mostrou uma excelente consistência interna ($\alpha = 0,95$; Cunha, et al., 2017). No presente estudo, o instrumento apresenta igualmente um excelente alfa Cronbach ($\alpha = 0,98$).

Procedimentos

O presente estudo tem um desenho transversal e é parte integrante de um estudo longitudinal aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE). Os dados foram recolhidos em escolas públicas que participavam previamente na investigação e estabeleceram-se novos protocolos com outras escolas da zona Centro, que garantissem a representatividade da amostra quanto à idade e escolaridade.

A recolha da amostra decorreu entre novembro de 2019 e março de 2020, contanto com a colaboração de Psicólogos, Professores e Auxiliares Educativos responsáveis pela gestão da atividade e dos alunos, e tendo em conta a calendarização e as orientações das escolas. Os consentimentos informados foram previamente facultados ao docente responsável com o objetivo de serem entregues aos Encarregados de Educação. Os pais dos adolescentes foram informados sobre os objetivos da investigação, sigilo, anonimato e participação voluntária.

A administração dos protocolos de autorresposta decorreu no contexto de sala de aula ou na biblioteca. Primeiramente, explicámos aos adolescentes a importância do consentimento informado, a participação de carácter voluntário e confidencial, e a natureza e os objetivos da investigação. O preenchimento teve uma duração média de 30 minutos

e contou com a presença do professor e do/a investigador/a para esclarecer qualquer dúvida e garantir uma resposta explícita e independente. O protocolo de avaliação era composto por uma folha de rosto com a informação supracitada, uma página para a recolha dos dados sociodemográficos do participante, e os questionários inerentes às variáveis em estudo.

Estratégia Analítica

Os procedimentos estatísticos foram realizados através do programa de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 26.0.

A distribuição da normalidade das variáveis foi testada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov e pelos coeficientes de assimetria (Sk) e Achatamento (Ku), tendo em conta a representação gráfica apresentada em *boxplot*. Relativamente à homogeneidade das variâncias recorreu-se ao teste de Levene. A consistência interna das escalas utilizadas foi avaliada através do cálculo dos alfas de Cronbach.

Na descrição da amostra procedemos ao cálculo de médias e desvios padrão quanto às variáveis contínuas, e de frequências e percentagens relativas às variáveis categoriais. Na análise das diferenças de género relativamente às médias das variáveis em estudo recorremos a testes *t* para amostras independentes. O tamanho do efeito foi calculado de acordo com Cohen (1988), considerando baixos os valores de *d* entre 0,20 e 0,49, médios entre 0,50 e 0,79 e elevados acima de 0,80.

As matrizes de correlação de Pearson foram utilizadas para medir a amplitude das relações entre as variáveis. Na interpretação dos coeficientes de correlação tivemos em conta os critérios de Pestana e Gageiro (2014) que definem que, quando o valor é inferior a 0,20 aponta para uma associação muito baixa entre as variáveis; entre 0,21 e 0,39 traduz uma associação baixa; entre 0,40 e 0,69 uma moderada; entre 0,70 e 0,89 elevada; e superior a 0,90 muito elevada.

No final, foi calculado um modelo mediador (modelo 4) com base no *software* PROCESS macro (Hayes, 2013) e analisados os efeitos diretos e indiretos, cuja significância foi testada através de um procedimento de 5.000 *bootstrap*.

Conforme os objetivos da investigação, procurou-se testar o efeito mediador das quatro dimensões da autoaversão (ativação defensiva, cognitivo-emocional, evitamento e exclusão) na relação entre as memórias precoces de calor e segurança com os pares e os traços *borderline*. Desta forma, analisámos os coeficientes que representam o efeito de cada uma das relações, nomeadamente o efeito das memórias precoces de calor e

segurança na autoaversão (*a*), o efeito da autoaversão na sintomatologia *borderline* (*b*) e o efeito indireto (*ab*) das memórias precoces de calor e segurança nos traços *borderline* por meio da autoaversão, calculando a diferença entre o efeito total (*c*) e o efeito direto (*c'*) da variável independente na variável dependente.

Em todas as análises considera-se estatisticamente significativos os resultados cujo *p-value* fosse inferior ou igual a 0,05 (Marôco, 2010).

Resultados

Análise Preliminar dos dados

No estudo da normalidade das variáveis, o teste de Kolmogorov-Smirnov foi significativo ($KS = 0,06$; $p < 0,001$) e os coeficientes de Assimetria (*Sk*) e de Achatamento (*Ku*) não apresentaram violações a este pressuposto ($Sk < 3$ e $Ku < 10$; Kline, 2010), permitindo a aplicação de testes paramétricos. A representação gráfica dos resultados (*Boxplot*) permitiu detetar alguns valores extremos, que foram incluídos na análise pelo interesse plausível para o fenómeno em estudo. Para além disso, a análise dos valores de alfa de Cronbach permitiu constatar que as escalas mostraram níveis de consistência interna desejáveis. No geral, as análises preliminares evidenciaram um ajustamento adequado dos dados para prosseguir com as análises estatísticas.

Estatísticas descritivas e diferenças entre sexos

Na Tabela 1 são apresentadas as estatísticas descritivas das variáveis em estudo para a amostra total e por sexo. Os resultados evidenciaram diferenças significativas entre os grupos, em que as raparigas apresentam níveis mais elevados de traços *borderline* ($t = -5,47$; $p < 0,001$), cujo tamanho do efeito foi médio ($d = -0,52$). Também apresentam níveis mais elevados de autoaversão ($t = -6,03$; $p < 0,001$), nomeadamente na ativação defensiva ($t = -4,63$; $p < 0,001$), na dimensão cognitivo-emocional ($t = -6,45$; $p < 0,001$), no evitamento ($t = -6,44$; $p < 0,001$) e na exclusão ($t = -3,27$; $p < 0,001$), com tamanho de efeito pequeno ($d = -0,43$), médio ($d = -0,60$; $d = -0,60$) e pequeno ($d = -0,30$), respetivamente. Quanto às memórias precoces de calor e segurança com os pares, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre sexos.

Tabela 1.

Médias (M), Desvios-padrão (DP), Testes t-student (t) e Tamanho do Efeito (d) para as diferentes variáveis em estudo na amostra total (N = 451) e na amostra dividida por sexos.

Variáveis	Total N = 451		Rapazes n = 145		Raparigas n = 266		t	p	d
	M	DP	M	DP	M	DP			
Traços									
<i>Borderline</i> (ETPB-A)	24,02	8,28	21,54	7,94	25,74	8,09	-5,47**	<0,001	-0,52
Autoaversão (EMA-A)	19,35	22,40	12,42	16,98	24,18	24,39	- 6,03**	<0,001	-0,56
Ativação									
Defensiva (EMA-A)	6,95	9,65	4,63	7,46	8,57	10,63	-4,63**	<0,001	-0,43
Cognitivo-									
Emocional (EMA-A)	8,77	9,84	5,53	7,47	11,03	10,63	-6,45**	<0,001	-0,60
Evitamento (EMA-A)	2,56	3,00	1,56	2,36	3,25	3,20	-6,44**	<0,001	-0,60
Exclusão (EMA-A)	1,07	2,13	0,70	1,71	1,33	2,35	-3,27**	<0,001	-0,30
Memórias									
Precoces (EMPCSPares-A)	59,98	19,75	2,95	0,93	2,79	0,94	1,80	0,07	0,17

Nota. * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,001$. ETPB-A = Escala de Traços de Personalidade *Borderline*; EMA-A = Escala Multidimensional da Autoaversão; EMPCSPares-A = Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança.

Análise de Correlação

Para compreender a associação entre as variáveis em estudo, foram analisados os Coeficientes de Correlação de Pearson (Tabela 2). Os traços *borderline* (ETPB-A), os componentes da autoaversão (EMA-A) e as memórias precoces de calor e segurança com os pares (EMPCSPares-A) correlacionaram-se de forma significativa ($p \leq 0,001$), e no sentido esperado da associação. Mais especificamente, os coeficientes obtidos entre a sintomatologia *borderline* e as componentes ativação defensiva, cognitivo-emocional, evitamento e exclusão da auto-aversão são elevados e positivos. Relativamente às memórias precoces de calor e segurança com os pares, a correlação com os traços

borderline e com as dimensões da autoaversão é moderada e negativa. Estes dados sugerem que níveis elevados de sintomatologia *borderline* estão associados a níveis elevados de autoaversão e a níveis baixos de memórias precoces de calor e segurança com os pares.

Tabela 2.

Matrizes de correlação de Pearson entre os traços borderline (ETPB), a autoaversão (EMA-A) e as memórias precoces de calor e segurança (EMPCSPares-A).

	1	2	3	4	5	6
1. Traços <i>Borderline</i> (ETPB-A)	1					
2. Autoaversão (EMA-A)	0,72**	1				
3. Ativação Defensiva (EMA-A)	0,63**	0,92**	1			
Cognitivo- Emocional (EMA-A)	0,72**	0,95**	0,78**	1		
4. Evitamento (EMA-A)	0,63**	0,83**	0,65**	0,83**	1	
5. Exclusão (EMA-A)	0,51**	0,77**	0,66**	0,70**	0,63**	1
6. Memórias Precoces (EMPCSPares-A)	-0,36**	-0,43**	-0,38**	-0,41**	-0,39**	-0,35**

Nota. * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,001$. ETPB-A = Escala de Traços de Personalidade *Borderline*; EMA-A = Escala Multidimensional da Autoaversão; EMPCSPares-A = Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança.

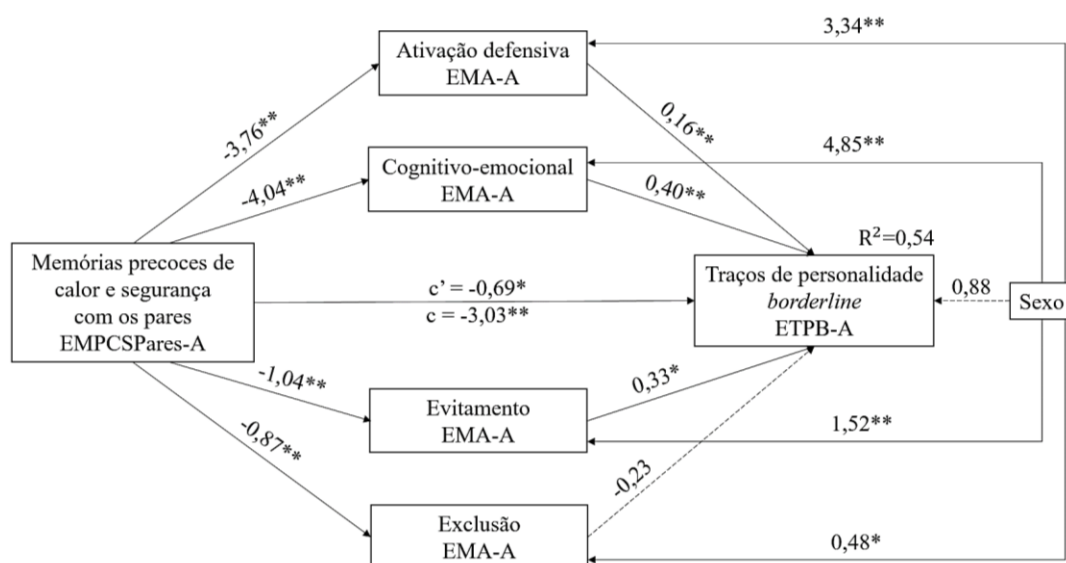
A idade não se relaciona com nenhuma variável em estudo e os anos de escolaridade apresentam uma associação negativa e fraca, mas ainda significativa, com a subescala da exclusão avaliada pela EMA-A ($r = -0,12$; $p < 0,05$).

Modelo de Mediação

Tendo em conta que os resultados anteriores apontam para diferenças entre os sexos na autoaversão e nos traços *borderline* e associações significativas entre as variáveis em estudo, foi testado um modelo de mediação onde se controlou o efeito do

sexo. As dimensões da autoaversão (EMA-A) foram tidas como variáveis mediadoras na relação entre as memórias precoces de calor e segurança com os pares (EMPCSPares-A) e os traços *borderline* (ETPB-A), controlando o efeito do sexo (Figura 1). Na análise do modelo obtido, as trajetórias hipotetizadas explicaram 54% dos traços *borderline* ($F = 86,56; p < 0,001$).

O efeito total das memórias precoces de calor e segurança com os pares sobre os traços *borderline*, tendo em conta os mediadores, foi significativo ($c = -3,03$, IC 95% $[-3,77, -2,28]$, $t = 8,00$, $p < 0,001$). A ativação defensiva ($B = 0,16$, IC 95% $[0,07, 0,25]$, $t = 3,42$, $p < 0,001$), cognitivo-emocional ($B = 0,40$, IC 95% $[0,28, 0,52]$, $t = 6,53$, $p < 0,001$) e o evitamento ($B = 0,33$, IC 95% $[0,02, 0,64]$, $t = 2,07$, $p < 0,05$) apresentaram um efeito relevante nas características *borderline*. Desta forma, todas as trajetórias mostraram-se estatisticamente significativas ($p < 0,05$), à exceção da exclusão ($B = -0,23$, IC 95% $[-0,60, 0,14]$, $t = -1,24$, $p = 0,22$). O efeito direto ($c' = -0,69$, IC 95% $[-1,31, -0,07]$, $t = -2,18$, $p < 0,05$) e o efeito total ($c = -3,03$, IC 95% $[-3,77, -2,28]$, $t = -8,00$, $p < 0,001$) comprovaram que as memórias precoces de calor e segurança com os pares têm um efeito significativo sobre os traços *borderline*, e que a autoaversão (ativação defensiva, cognitivo-emocional e evitamento) tem um papel significativo nessa relação, quando controlado o efeito do sexo. A variável sexo apresentou um efeito não significativo nos traços *borderline* ($B = 0,88$, IC 95% $[-0,24, 2,00]$, $t = 1,55$, $p = 0,12$) e significativo em todas as componentes da autoaversão.



Nota. $^*p \leq 0,05$; $^{**}p \leq 0,001$; -----Linhas tracejadas significam caminhos não significativos

Figura 1.

Modelo do efeito mediador da autoaversão (ativação defensiva, cognitivo-emocional, evitamento e exclusão) na relação entre as memórias precoces de calor e segurança com os pares e os traços borderline (N = 451)

Discussão e Conclusões

A adolescência pode ser perspectivada como uma etapa de mudança e vulnerabilidade a dificuldades emocionais e comportamentais (Guilé et al., 2018; Steinberg, 2005), como por exemplo, o desenvolvimento de traços *borderline*. É crescente a evidência empírica que tem apontado a Perturbação *Borderline* da Personalidade como sendo influenciada por um percurso desenvolvimental disfuncional (Paris, 2009), marcado por traços inflexíveis e identificáveis em idades precoces (APA, 2013; Chanen & Kaess, 2012; Kaess et al., 2014; Sharp & Fonagy, 2015). Os traços *borderline* estão associados a dificuldades na regulação emocional e instabilidade na autoimagem e nas relações interpessoais (Bleiberg et al., 2011). Dada a importância de compreender os processos que influenciam o desenvolvimento da sintomatologia *borderline*, pretendemos analisar o papel explicativo da autoaversão na relação entre as memórias precoces de calor e segurança com os pares e os traços *borderline*, numa amostra de adolescentes da população geral.

Foram encontradas diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino em determinadas variáveis em estudo. Relativamente aos traços *borderline*, os dados mostraram que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas, conforme a prevalência do diagnóstico de PBP em mulheres (APA, 2013) e os resultados de estudos anteriores (Carreiras et al., 2020a, 2020b). Da mesma forma, as raparigas também apresentaram níveis mais elevados de autoaversão, nomeadamente nas dimensões da ativação defensiva, cognitivo-emocional, evitamento e exclusão, indo ao encontro de estudos anteriores (Carreiras et al., 2020a; Guilherme et al., 2020; Guiomar, 2015). O sexo feminino parece estar mais associado à emocionalidade intensa e a um discurso interno mais negativo e autocrítico, que podem explicar os resultados obtidos neste e noutros estudos. No que respeita às memórias precoces de calor e segurança com os pares, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre sexos, tal como em pesquisas anteriores (Cunha et al., 2014; Cunha et al., 2017).

Todas as variáveis em estudo revelaram-se associadas entre si. Especificamente, encontrámos uma correlação positiva e significativa entre os traços *borderline* e a

autoaversão, como apontada em estudos prévios (Carreiras et al., 2020a; Guilherme et al., 2020; Guioimar, 2015). De outra forma, os adolescentes com instabilidade emocional, de identidade, comportamental e relacional tendem para uma relação com o *eu* marcada por cognições e emoções de ódio e repugnância. Os valores relativos às memórias precoces de calor e segurança com os pares mostraram-se negativamente correlacionados com os traços *borderline*, indicando uma relação negativa entre as experiências e memórias positivas no contexto das relações com o grupo de pares e os efeitos negativos de eventos precoces (Cunha et al., 2017; Matos et al., 2015; Richter et al., 2009). A idade não se relaciona com nenhuma variável em estudo, o que pode indicar que os valores nestas variáveis são transversais na adolescência e que existem em níveis semelhantes nas diferentes faixas etárias juvenis. Os anos de escolaridade apenas apresentaram uma associação negativa e fraca, mas ainda significativa, com a exclusão. Possivelmente, a progressão escolar contribui para a descoberta de estratégias de regulação emocional mais adaptativas que os comportamentos de exclusão, e uma maior capacidade de integração do *eu*, permitindo, assim, compreender a associação encontrada. Contudo, esta associação é fraca e o tamanho da amostra pode ter influenciado a significância da correlação. Assim, estudos futuros deverão explorar estes resultados.

Relativamente ao conjunto de variáveis que melhor explica os traços *borderline*, o modelo hipotetizado revelou resultados importantes para a compreensão da forma como as mesmas se comportam, em função do sexo. O modelo de mediação foi significativo e explicou uma percentagem considerável dos traços *borderline*. Podemos concluir que, as memórias precoces de calor e segurança com os pares e as componentes ativação defensiva, cognitivo-emocional e evitamento da autoaversão são variáveis importantes na compreensão dos traços *borderline* em adolescentes. A variável sexo apresentou um efeito significativo em todas as componentes da autoaversão. As memórias emocionais positivas com os pares apresentaram um efeito direto significativo sobre os traços *borderline*, com os quais se relacionam negativamente. Existe também um efeito indireto significativo nesta relação que passa pela ativação defensiva, cognitivo-emocional e evitamento. Assim, a exclusão não contribuiu para este efeito e as restantes variáveis da autoaversão mostraram-se mais relevantes, absorvendo o poder explicativo. Estudos futuros devem investigar os comportamentos de exclusão que podem ter um papel importante nesta relação, recorrendo à população clínica em que os comportamentos de autodano, incluídos na dimensão da exclusão, tendem a ser mais prevalentes. Em suma, as experiências de calor e de segurança com os pares continuam a ter um efeito distinto

sobre os traços *borderline* mesmo quando estão presentes aspetos emocionais de autoaversão, o que reforça a importância dos adolescentes se sentirem seguros, tranquilos e bem acolhidos no grupo de amigos.

Os resultados do presente estudo devem ser interpretados atendendo a limitações metodológicas. As limitações decorrem do uso de um desenho transversal que impossibilita o estabelecimento de relações causais entre as variáveis, e o recurso unicamente a instrumentos de autorresposta, o que pode gerar alguns enviesamentos. Em comparação, os estudos longitudinais e a avaliação com recurso a entrevistas podem permitir a obtenção de informação mais aprofundada sobre as características e o impacto da trajetória desenvolvimental da PBP. Investigações futuras deverão validar estes resultados em amostras clínicas, ou com traços *borderline* clinicamente significativos. Um desenho longitudinal e a utilização adicional de uma entrevista seria igualmente recomendável.

Apesar das limitações apontadas, o presente estudo foi pioneiro na análise mediacional de variáveis ainda pouco estudadas em adolescentes portugueses, recorrendo a uma amostra robusta de várias escolas da zona centro, para ampliar o conhecimento sobre as experiências e os processos subjacentes às dificuldades dos traços *borderline*. Os resultados encontrados poderão contribuir para a criação de intervenções preventivas e adaptadas às diferenças de género nos adolescentes. Particularmente, as raparigas podem beneficiar com programas de prevenção e intervenção especialmente focados nos componentes da autoaversão. Para ambos os sexos, parece ser útil programas que recorram a experiências calorosas que promovam sentimentos de tranquilidade, aceitação e de segurança no grupo de pares, podendo ter um efeito importante nos traços *borderline*.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association [APA]. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5ª ed.): *DSM-5*. Lisboa: Climepsi Editores
- Baldwin, M. W. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin*, 112 (3), 461-484. doi: 10.1037/0033-2909.112.3.461
- Baldwin, M. W. (1997). Relational schemas as a source of item-then self-inference procedures. *Review of General Psychology*, 1 (4), 326-335. doi: 10.1037/1089-2680.1.4.326

- Baldwin, M. W., & Dandeneau, S. D. (2005). Understanding and Modifying the Relational Schemas Underlying Insecurity. Em M. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 33-61). Nova Iorque: Guilford Press.
- Bleiberg, E., Rossouw, T., & Fonagy, P. (2011). Adolescent breakdown and emerging *borderline* personality disorder. Em A. W. Bateman & P. Fonagy (Eds.), *Handbook of metalizing in mental health practice* (pp. 463-509). Arlington, VA: American Psychiatric.
- Bourvis, N., Aouidad, A., Cabelguen, C., Cohen, D., & Xavier, J. (2017). How do stress exposure and stress regulation relate to borderline personality disorder? *Front Psychol*, 8, 2054. doi: 10.3389/fpsyg.2017.02054
- Brezo, J., Paris, J., Tremblay, R., Vitaro, F., Zoccolillo, M., Hébert, M., & Turecki, G. (2005). Personality traits as correlates of suicide attempts and suicidal ideation in young adults. *Psychological Medicine*, 36 (2), 191-202. doi:10.1017/s0033291705006719
- Carreiras, D. (2014). *The toxicity of the self: Developing a new measure and testing a comprehensive model of the nature of self-disgust*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/27653>
- Carreiras, D., Castilho, P., & Cunha, M. (2020). O efeito da impulsividade, autoaversão e autocompaixão nos traços *borderline* na adolescência: Estudo das diferenças entre sexos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 6, 50-63. doi: 10.31211/rpics.2020.6.1.170
- Carreiras, D., Loureiro, M., Sharp, C., Cunha, C., & Castilho, P. (2020). *Validation of the Borderline Personality Features Scale for Children (BPFS-C) and for Parents (BPFS-P) for the Portuguese population*. Manuscrito submetido para publicação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Chanen, A. M., & Kaess, M. (2012). Developmental Pathways toward *Borderline* Personality Disorder. *Current Psychiatry Reports*, 14, 45-53. doi:10.1007/s11920-011-0242-y
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2^a ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Collins, W. A. & Steinberg, L. (2007). Adolescent Development in Interpersonal Context. Em N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child*

- psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 1003-1067).
 Jonh Wiley & Sons Inc. doi: 10.1002/9780470147658.chpsy0316
- Crawford, T. N., Cohen, P., & Brook, J. S. (2001). Dramatic-erratic personality disorder symptoms: I: Continuity from early adolescence to adulthood. *Journal of Personality Disorders*, 15 (4), 319-335. doi:10.1521/pedi.15.4.319.19182
- Crick, N. R., & Zahn-Waxler, C. (2003). The development of psychopathology in females and males: Current progress and future challenges. *Development and Psychopathology*, 15 (3), 719-42. doi:10.1017/s095457940300035x
- Cunha, M., Matos, M., Faria, D., & Zagalo, S. (2012). Shame memories and psychopathology in adolescence: The mediator effect of shame. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 12 (2), 203-218. Retrieved from <https://www.ijpsy.com/volumen12/num2/327/shame-memories-and-psychopathology-in-adolescence-EN.pdf>
- Cunha, M., Martinho, M. I., Xavier, A. M., & Espirito-Santo, H. (2013). Early memories of positive emotions and its relationships to attachment styles, self-compassion and psychopathology in adolescence. *European Psychiatry*, 28. doi:10.1016/S0924-9338(13)76444-7
- Cunha, M., Ferreira, C., Duarte, C., Andrade, D., Simões, J. M. & Pinto-Gouveia, J. (2017). Assessing positive emotional memories with peers: The Early Memories of Warmth and Safeness with Peers Scale for adolescents. *Journal of Adolescence*, 54, 73-81. doi:10.1016/j.adolescence.2016.11.010.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (6ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Gilbert, P. & Perris, C. (2000). Early experiences and subsequent psychosocial adaptation: An introduction. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 243-245. doi: 10.1002/1099-0879(200010)7:4<243::aid-cpp254>3.0.co;2-h
- Gilbert, P., Cheung, M. S. P., Grandfield, T., Campey, F., & Irons, C. (2003). Recall of threat and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108-115. doi:10.1002/cpp.359
- Gilbert, P., Clarke, M., Hempel, S., Miles, J. N. V., & Irons, C. (2004). Criticizing and reassuring oneself: An exploration of forms, styles and reasons in female students. *British Journal of Clinical Psychology*, 43, 31-50. doi: 10.1348/014466504772812959

- Gilbert, P., & Irons, C. (2005). Focused therapies and compassionate mind training for shame and self-attacking. Em P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy* (pp. 263-325). Reino Unido: Routledge. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/301346596_Focused_therapies_and_compassionate_mind_training_for_shame_and_self-attacking
- Gilbert, P. & Irons, C. (2008). Shame, self-criticism and self-compassion in adolescence. Em N. B. Allen & L. B. Sheeber (Eds.), *Adolescent Emotional Development and the Emergence of Depressive Disorders* (pp. 195-214). Cambridge University Press. doi:10.1017/cbo9780511551963.011
- Guilherme, M., Carreiras, D., Cunha, M. & Castilho, P. (2020). Validation of the Multidimensional Self-Disgust Scale for Adolescents (MSDS-A) in a Portuguese community sample. *Manuscript submitted for publication*.
- Guilé, J. M., Boissel, L., Alaux-Cantin, S., & D' Riviére, S. G. (2018). Borderline personality disorder in adolescents: prevalence, diagnosis, and treatment strategies. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics*, 9, 199-210. doi: 10.2147/AHMT.S156565
- Guiomar, R. (2015). *A relação entre a Autoaversão e a sintomatologia Borderline: estudo do efeito mediador dos medos da compaixão e do evitamento experiencial*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/31912/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Raquel%20Guiomar.pdf>
- Irons, C., Gilbert, P., Baldwin, M. W., Baccus, J. R., & Palmer, M. (2006). Parental recall, attachment relating and self-attacking/self-reassurance: Their relationship with depression. *British Journal of Clinical Psychology*, 45 (3), 297-308. doi:10.1348/014466505x68230
- Kaess, M., Brunner, R., & Chanen, A. (2014). Borderline personality disorder in adolescence. *Pediatrics*, 134 (4), 782-793. doi: 10.1542/peds.2013-3677
- Kline, R. B. (2010). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Leichsenring, F., Leibing, E., Kruse, J., New, A. S., & Leweke, F. (2011). Borderline personality disorder. *The Lancet*, 377 (9759), 74-84. doi:10.1016/s0140-6736(10)61422-5

- Lerner, R. M. & Steinberg, L. (Eds.). (2009). *Handbook of Adolescent Psychology: Individual bases of adolescent Development* (Vol. 1-3). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2015). Constructing a Self Protected against Shame: The Importance of Warmth and Safeness Memories and Feelings on the Association between Shame Memories and Depression. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 15 (3), 317-335. Retrieved from <https://www.ijpsy.com/volumen15/num3/419/constructing-a-self-protected-against-shame-EN.pdf>
- Olatunji, O., David, B., & Ciesielski, B. G. (2012). Who am I to judge? Self-disgust predicts less punishment of severe transgressions. *Emotion*, 12, 169-173.
- Overton, P., Markland, F., Taggart, H., Bagshaw, G., & Simpson, J. (2008). Self-Disgust Mediates the Relationship Between Dysfunctional Cognitions and Depressive Symptomatology. *American Psychological Association*, 3 (8), 379-385. doi: 10.1037/1528-3542.8.3.379.
- Paris, J. (2009). Borderline personality disorder. In P. H. Blaney & T. Millon (Eds.) *Oxford textbook of psychopathology* (2^a ed., pp. 723-737). Oxford University Press.
- Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame memories become a key to identity? The centrality of shame memories predicts psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25 (2), 281-290. doi: 10.1002/acp1689
- Pinto-Gouveia, J., Xavier, A., & Cunha, M. (2016). Assessing Early Memories of Threat and Subordination: Confirmatory Factor Analysis of the Early Life Experiences Scale for Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 26, 54-64. doi: 10.1007/s10826-015-0202-y.
- Powell, P., Simpson, J., & Overton, P. (2015). An introduction to the revolting self: self-disgust as an emotion schema. In P. Powell, P. Overton, & J. Simpson (Eds.), *The Revolting Self. Perspectives on the Psychological, Social, and Clinical Implications of Self-Directed Disgust* (pp. 1-24). London: Karnac Books.
- Richter, A., Gilbert, P., & McEwan, K. (2009). Development of an early memories of warmth and safeness scale and its relationship to psychopathology. *Psychology*

- and *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 82 (2), 171-184. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1348/147608308X395213>.
- Russell, P. S., & Giner-Sorolla, R. (2013). Bodily moral disgust: what it is, how it is different from anger, and why it is an unreasoned emotion. *Psychological Bulletin*, 139, 328-351. doi: : 10.1037/a0029319
- Sharp, C., Steinberg, L., Temple, J., & Newlin, E. (2014). An 11-item measure to assess *borderline* traits in adolescents: Refinement of the BPFSC using IRT. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5, 70-78. 10.1037/per0000057
- Sharp, C. & Tackett, J. L. (2014). *Handbook of Borderline Personality Disorder in Children and Adolescents*. Berlin: Springer Science and Business Media New York. Retrieved from <https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-4939-0591-1>
- Sharp, C., & Fonagy, P. (2015). Practitioner review: borderline personality disorder in adolescence – recent conceptualization, intervention, and implications for clinical practice. *J Child Psychol Psychiatry*, 56 (12), 1266-1288. doi: 10.1111/jcpp.12449
- Spear, L. (2007). The developing brain and adolescent: typical behavior patterns: An evolutionary approach. Em D. Romer & E. F. Walker (Eds.), *Adolescent psychopathology and the adolescent brain* (pp. 9-30). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, 9, 69-74. doi:10.1016/j.tics.2004.12.005
- Steele, H., Siever, L. (2010). An attachment perspective on borderline personality disorder: advances in gene-environment considerations. *Curr Psychiatry Rep.*, 12, 61-67. doi: 10.1007/s11920-009-0091-0
- Stepp, S. D., Whalen, D. J., Scott, L. N., Zalewski, M., Loeber, R., Hipwell, A. E. (2014). Reciprocal effects of parenting and borderline personality disorder symptoms in adolescent girls. *Dev Psychopathol*, 26 (2), 361-378. doi: 10.1017/S0954579413001041
- Tucker, D. M., & Moller, L. (2007). The metamorphosis: individuation and the adolescent brain. Em D. Romer & E. F. Walker (Eds.), *Adolescent psychopathology and the adolescent brain* (pp. 85-201). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Wolfe, D. A., & Mash, E. J. (2006). *Behavioral and emotional disorders in adolescents: Nature, assessment, and treatment*. Nova Iorque: Guilford Press.

- Ypsilanti, A., Lazuras, L., Powell, P., & Overton, P. (2019). Self-disgust as a potential mechanism explaining the association between loneliness and depression. *Journal of Affective Disorders*, 243, 108-115. doi: 10.1016/j.jad.2018.09.056
- Zanarini, M. C., Frankenburg, F. R., Reich, D. B., & Fitzmaurice, D. (2012). Attainment and Stability of Sustained Symptomatic Remission and Recovery Among Patients With *Borderline* Personality Disorder and Axis II Comparison Subjects: A 16-year Prospective Follow -Up Study. *American Journal of Psychiatry*, 169 (5), 476-483. doi:10.1176/appi.ajp.2011.11101550